

# A PRESENÇA DE DEUS NO AVIVAMENTO

— UMA ESPERANÇA PARA O NOVO MILÊNIO —

*Brian Edwards*

(Preletor da XVII Conferência Fiel no Brasil, outubro-2001)

*“Deus... pôs a eternidade no coração do homem”*

Eclesiastes 3.11

## UM SENSO DA ETERNIDADE

Quando Deus criou Adão e soprou em suas narinas o fôlego da vida, Adão se tornou uma alma vivente. No íntimo daquela alma vivente havia a marca de Deus, porque o homem fora criado à imagem e semelhança de Deus. O homem sabia que existia um Deus e sentia desejo por Ele. E isso não mudou mesmo depois da Queda. O próprio fato de que Adão e Eva se esconderam com vergonha demonstra que eles não tinham dúvidas sobre a realidade de Deus e de que eram responsáveis por seu ato diante do Criador. A eternidade, que é outra maneira de afirmar que existe algo mais depois da morte, predominava na mente deles. Nunca encontramos uma pessoa na

face da terra que não creia em coisas mais elevadas, ou seja, nas coisas que estão mais além. A Bíblia nunca tem de provar que Deus existe, visto que pela graça comum de Deus, um senso da eternidade se encontra estampado na mente e no coração da humanidade.

## SUPRIMINDO DEUS

O apóstolo Paulo escreveu: “E, por haverem desprezado o conhecimento de Deus, o próprio Deus os entregou a uma disposição mental reprovável”. Por meio dessa afirmativa, Paulo estava querendo dizer que o homem havia trocado a verdade pela mentira, a verdade de Deus por um deus falso. Nossa sociedade deu um passo mais além, pois está ocupada

em subtrair da mente humana a eternidade e o conhecimento de Deus. Não se pensa nem se planeja para a eternidade; tudo que se pensa ou se planeja tem de ser para esta vida. Tem se atribuído a Deus completa irrelevância.

Em seu livro *O Conhecimento de Deus*, A. W. Tozer afirmou: “A história da humanidade provavelmente demonstrará que nenhuma pessoa se elevou a um nível maior do que o de sua própria religião, e que nenhuma religião jamais tem sido maior do que seu próprio conceito a respeito de Deus”. Qual é a religião de nossa cultura atualmente? A resposta é o “eu” ou o próprio “homem”, o homem criado à imagem do homem. Um estudo de nossa sociedade não começa com Deus, e sim com o homem; e termina com ele.

Lord Denning afirmou em 1989: “A lei tem de possuir um fundamento religioso”; mas em nossos dias predomina a lei natural, a aplicação da biologia evolucionária. Nosso sistema jurídico, nossa vida familiar, nossos relacionamentos sociais todos são influenciados não simplesmente por uma mentalidade *antiDeus*, mas também por uma mentalidade *Deus-não*. Nossa arte e nossa literatura, todas retratam a completa irrelevância de Deus. A tragédia é que os crentes estão acompanhando a espiral descendente dessa moralidade *Deus-não*. Os crentes novos estão seguindo o culto da coabitação; os casamentos dos crentes estão sendo destruídos. Pessoas supostamente evangélicas não vêem qualquer erro no desenvolvimento de afeições e relacionamentos homossexuais; e tais pessoas tentam

provar isso pela Bíblia. Pouco a pouco, estamos sendo sugados à moralidade sem fundamento de nossa sociedade e estamos suprimindo Deus de nossas mentes.

## A ETERNIDADE NO CORAÇÃO DO HOMEM

Até o século XX, o cristianismo, mesmo o falso cristianismo, compelia a sociedade a pensar sobre Deus. A evidência disso está no fato de que nossa melhor literatura e alguns de nossos grandes músicos foram influenciados por um conhecimento de Deus. Não estou dizendo que essas pessoas eram todas cristãs, embora algumas delas realmente fossem, mas, apesar disso, elas foram influenciadas pela Bíblia e pelo cristianismo e tinham a eternidade em sua mente. Mesmo Charles Dickens escreveu para seus filhos um livro sobre a vida de Cristo. A primeira metade do século XIX esteve repleta de miséria, crime e vergonha humana. O comércio de escravos estava em seu auge, sendo rivalizado apenas pelo transporte cruel de homens, mulheres e crianças para a escravidão branca na Austrália e Tasmânia. As crianças eram colocadas nas minas e nas chaminés; os operários sustentavam suas famílias com apenas quarenta e cinco centavos de libra por semana. Todavia, apesar dessa situação, mesmo os mais corrompidos e cruéis retinham o conhecimento de Deus e da eternidade.

Recentemente, li algo sobre as pessoas que eram transportadas da Austrália, incluindo um homem que

foi acusado de insultar seu senhor. O homem admitiu, no julgamento, que freqüentemente desejava matar seu senhor. Mas o que o fazia retroceder? Sua resposta foi: “Eu não me importava de ser enforcado por causa dele, mas não desejava ir para o inferno por causa dele”. Quantos assassinatos hoje são impedidos devido ao fato de que os potenciais assassinos temem o inferno?

## A INFLUÊNCIA DA BÍBLIA

Por que o conhecimento de Deus, uma consciência da eternidade e uma crença no inferno prevaleciam naqueles dias? Por mais de quinhentos anos, o poder da Igreja de Roma dominou nossa sociedade. Ela era culpada de erro em suas crenças e práticas; todavia, ninguém duvidava da realidade de Deus e da eternidade. Então, apareceram os pobres

pregadores de Wycliffe que cobriram todo o nosso país [Inglaterra] com o conhecimento das Escrituras, de tal maneira que Thomas More reclamou que não se podia encontrar dois homens em uma estrada, sem que um deles não fosse um seguidor de Wycliffe. Mais tarde, a reforma, que foi um avivamento do cristianismo bíblico, varreu todo o país. Quando nosso povo, novamente, afastou-se das verdades bíblicas, os puritanos

tentaram transformar a nação, para que nesta houvesse um povo da Bíblia, e restaurar o senso da eternidade. Quando a nação, mais uma vez, afastou-se das Escrituras nos anos da restauração da monarquia, no século XVIII, Deus derramou seu Espírito através daquilo que ficou conhecido como o Avivamento Evangélico. Durante mais de meio século, Deus usou homens como Howell Harris, Daniel Rowlands, John Wesley, George Whitefield e outros, para vivificar a alma da nação. Thomas Carlyle, escrevendo no início do século XVIII, descreveu assim a Inglaterra: “Estô-mago bem vivo, e alma extinta”. Não tenho certeza de que ele estava certo nessas duas afirmativas; mas a tragédia, eu creio, é

que elas são verdadeiras em nossos dias!

A sociedade está perdendo rapidamente o senso da eternidade; e uma das razões para isso é que nós, crentes, não estamos vivendo com a

---

*A sociedade está perdendo rapidamente o senso da eternidade; e uma das razões para isso é que nós, crentes, não estamos vivendo com a eternidade em nossa mente.*

---

eternidade em nossa mente. Não estamos trabalhando sob a luz da eternidade, nem vivendo no gozo e na antecipação da eternidade. Estamos tão destituídos do senso de eternidade quanto o mundo ao nosso redor. Nós a cantamos em nossos hinos, falamos sobre ela em nossas orações, ouvimos a seu respeito nos sermões, mas ela não está em nossa alma; a eternidade não faz parte da urdidura e da trama de nossa vida.

## A PRESENÇA DE DEUS NO AVIVAMENTO

Eu creio que necessitamos de avivamento nacional proveniente do Espírito Santo, porque o avivamento sempre coloca de volta a eternidade na mente dos homens e das mulheres. No avivamento, podemos pregar sobre a morte, e as pessoas a sentirão; podemos pregar sobre o inferno, e as pessoas o sentirão. Precisamos conhecer a presença de Deus no avivamento.

Eis a descrição de acontecimentos que se deram em Comber, uma pequena cidade que dista quinze quilômetros de Belfast, quando Deus varreu Ulster em 1859.

“Toda a cidade e os arredores marcaram aquelas palavras; toda a cidade e os arredores foram despertados. Muitos não descansaram de maneira alguma na primeira noite, e durante vários dias grande número de pessoas foi incapaz de realizar seus deveres habituais e se dedicaram quase incessantemente ao estudo das Escrituras, a cantar e a orar; e, no primeiro mês, com apenas três exceções, dentre elas, eu mesmo, o pregador que estou relatando, não conseguiram ir para cama antes do amanhecer.”

Observem que toda a cidade e os arredores estavam cômicos da eternidade. Quando Deus se manifesta através de um avivamento, mesmo aqueles que não são convertidos são tocados e se tornam cientes da eternidade.

O avivamento é uma conscientização da presença de Deus. Em

Herrnhut, região do Conde Zinzen-dorf, no verão de 1727, Deus se manifestou repentinamente entre aquele pequeno grupo de refugiados; e lemos que entre eles houve “um senso da proximidade de Cristo”. Em Pion Giang, na Coréia do Norte, em 1907, “a sala ficou repleta da presença de Deus”. Em Yarmouth, na costa leste da Inglaterra, em 1921, o jornal *Yarmouth and Gorleston Times* relatou no dia 10 de novembro: “Deus se tornou bastante próximo”. Quando foi que o jornal de sua cidade veiculou palavras como estas?

Uma das principais características do avivamento é um solene temor. Em Cambuslang, na Escócia, somos informados sobre “a glória espiritual desta solenidade”; e, novamente, em 1934, em Lewis: “A solenidade destes cultos inspirava temor”. Robert M. M’Cheyne escreveu a respeito de uma reunião na igreja, em Dundee, em 1839: “Todos os ouvintes se encontravam curvados para frente, em uma postura de atenção extasiada”. R. B. Jones, no país de Gales, em 1904, falou sobre “todo o lugar sentir-se reverente pela glória de Deus”. Essas experiências, os homens e as mulheres nunca esquecem, mesmo que não sejam convertidos. Repentinamente, eles são alertados em relação à eternidade e ao inferno.

## AVIVA A TUA OBRA, Ó SENHOR!

Portanto, o que desejamos muito em nossa nação, quando oramos por um avivamento? Com certeza, não anelamos pela vindicação de nossa igreja, de nossa denominação ou

de nossa teologia. Desejamos muito que Deus restaure aquele senso da eternidade, o senso que progressiva, sistemática e sucessivamente temos removido de nossa mente. Oramos por aquilo a respeito do que o profeta Ezequiel falou: “E eis que, do caminho do oriente, vinha a glória do Deus de Israel; a sua voz era como o ruído de muitas águas, e a terra resplandeceu por causa da sua glória”. Precisamos que a voz de Deus seja ouvida, para que a glória de Cristo seja vista em seu povo e que a eternidade seja trazida de volta à mente e ao coração dos homens. Anelamos ver Jesus Cristo sendo honrado, amado e exaltado em nossos dias.

Como crentes, precisamos lembrar: tudo que fazemos é feito à luz da eternidade. Pregamos, pensamos, trabalhamos e evangelizamos à luz da

eternidade. Nos deitamos à noite e acordamos no outro dia à luz da eternidade. E, quando Deus colocar de volta a eternidade em nossa mente e em nosso coração, isso pode começar a despertar toda a nação que nos cerca.

Devemos orar para que Deus se agrade em abrir os céus e derramar seu Espírito em um avivamento; pois somente então a eternidade estará de volta à agenda e o povo saberá que existe um Deus. Ainda que nem todos serão salvos, todos conhecerão a eternidade e saberão que Deus é real. Que esta seja a nossa realidade nesse novo milênio!

(O autor é pastor em Londres, Inglaterra, e entre seus livros há um sobre avivamento.)

## AOS PREGADORES

*John Wesley a John Trembath*

O que tem lhe prejudicado excessivamente nos últimos tempos e, temo que seja o mesmo atualmente, é a carência de leitura. Eu raramente conheci um pregador que lesse tão pouco. E talvez por negligenciar a leitura, você tenha perdido o gosto por ela. Por esta razão, o seu talento na pregação não se desenvolve. Você é apenas o mesmo de há sete anos. É vigoroso, mas não é profundo; há pouca variedade; não há seqüência de argumentos. Só a leitura pode suprir esta deficiência, juntamente com a meditação e a oração diária. Você engana a si mesmo, omitindo isso. Você nunca poderá ser um pregador fecundo nem mesmo um crente completo. Vamos, comece! Estabeleça um horário para exercícios pessoais. Poderá adquirir o gosto que não tem; o que no início é tedioso, será agradável, posteriormente. Quer goste ou não, leia e ore diariamente. É para sua vida; não há outro caminho; caso contrário, você será, sempre, um frívolo, medíocre e superficial pregador.

# A SANTIDADE DE DEUS

## — A RAIZ DA SEPARAÇÃO ECLESIAÍSTICA —

*John McKnight*

*“Ser-me-eis santos, porque eu, o SENHOR, sou santo  
e separei-vos dos povos, para serdes meus”*

Levítico 20.26

Para compreendermos com exatidão o Deus triuno, é fundamental aceitarmos um aspecto básico da sua natureza. Deus é Santo, separado de toda corrupção e distinto em sua pureza. Dentre suas infinitas qualidades, a sua santidade é suprema. Dentre todas as coisas, Ele deve ser reconhecido como Aquele que é separado do mundo por nós conhecido, separado para a perfeição por nós desconhecida. Ele é e tem de ser visto pelo homem como Aquele que deve se manter separado.

Deus é separado e distinto em seu poder. “Ó SENHOR, Deus dos Exércitos, quem é poderoso como tu és, SENHOR, com a tua fidelidade ao redor de ti?! Dominas a fúria do mar; quando as suas ondas se levantam, tu as amainas” (Salmo 89.8-9).

Deus é separado e distinto em sua

moralidade. “Justiça e direito são o fundamento do teu trono; graça e verdade te precedem” (Salmo 89.14).

Os atributos de Deus são manifestações do seu caráter santo. Por exemplo, a santidade de Deus é demonstrada através do seu amor por aqueles que pela fé Ele torna justos. “O SENHOR abre os olhos aos cegos, o SENHOR levanta os abatidos, o SENHOR ama os justos” (Salmo 146.8). “Pois tu não és Deus que se agrada com a iniquidade, e contigo não subsiste o mal. Os arrogantes não permanecerão à tua vista; aborreces a todos os que praticam a iniquidade” (Salmo 5.4-5).

Visto que toda qualidade de Deus manifesta sua santidade, considerar qualquer atributo à parte desta santidade significa distorcer seu caráter. Em nenhum outro lugar essa distor-

ção é tão evidente quanto nas concepções populares a respeito do amor de Deus. Raro é o homem que compreende conscientemente que o amor de Deus é apenas uma manifestação da sua santidade.

O evangelicalismo moderno tem imaginado um deus que personifica o amor supremo separado da santidade, um deus que possui a santidade como um efeito secundário. No pensamento popular, a santidade de Deus está erroneamente subordinada ao seu amor.

Tal pensamento cria a imagem de um vovozinho impotente, incapaz de manter seu próprio padrão. Esta atitude reduz o amor santo de Deus a um nível sentimentalista, desprovido de justiça e juízo, que constituem a base do seu trono. Esta concepção produz um entendimento frívolo e trivial daquele a quem serafins, com faces cobertas, clamam: “Santo, santo, santo é o SENHOR DOS EXÉRCITOS” (Isaías 6.3).

Conseqüentemente, Aquele que faz os demônios tremerem nada mais é do que “o cara lá de cima”, o copiloto da vida. Ao participar de competições, times de desportistas oram pedindo vitória Àquele em cuja presença “ninguém” deve se vangloriar (1 Coríntios 1.29). Essa petição visa receber de Deus a vanglória da carne. Em contraste, as Escrituras dizem: “Levanta-te, SENHOR; não preveleça o mortal. Sejam as nações

juulgadas na tua presença. Infunde-lhes, SENHOR, o medo; saibam as nações que não passam de mortais” (Salmo 9.19-20).

A santidade identifica Deus como independente de tudo. Esta separação divina foi manifestada quando o monte Sinai fumegou, porque “o SENHOR descera sobre ele em fogo” (Êxodo 19.18). Por ordem divina, o monte tinha sido demarcado por limites invioláveis; traspasar estes limites significava morte certa. Sobre todas as coisas, Deus será reconhecido pela sua separação, sua santidade.

O tabernáculo era a habitação de Deus, onde o homem encontrava-se com a Divindade. Somente no Santo dos Santos, podia ser feita a expiação pelos pecados. Mas ali ninguém podia entrar, exceto o sumo sacerdote, apenas uma vez por

— ■ —  
*Raro é o homem que  
 compreende conscientemente  
 que o amor de Deus  
 é apenas uma  
 manifestação da sua  
 santidade.*  
 — ■ —

ano. E mesmo naquele dia de expiação, ele não podia entrar confiando em seus próprios recursos, e sim no recurso ordenado por Deus — o sangue de um sacrifício prescrito por Ele. Na expiação, aquele sacrifício que mais revela seu amor, Deus lembra aos homens que, acima de todos os outros atributos, Ele é um Deus santo, destituído de qualquer corrupção.

Deus nos outorga repetidas afirmações sobre sua santidade, para que o coração humano, “enganoso” e “desesperadamente corrupto” (Jeremias 17.9), não esqueça essa característi-

ca áurea. “Eu sou o SENHOR, que vos faço subir da terra do Egito, para que eu seja vosso Deus; portanto, vós sereis santos, porque eu sou santo” (Levítico 11.45); “Ser-me-eis santos, porque eu, o SENHOR, sou santo e separei-vos dos povos, para serdes meus” (Levítico 20.26).

Quando Deus escolheu Abraão para ser recipiente da sua graça especial, Ele o separou de sua família e de seu país, porque seu propósito era tornar a descendência de Abraão um povo distinto. Mesmo a libertação do povo de Israel da escravidão do Egito mostrou o propósito de Deus em separá-los para Si mesmo, tornando-os uma nação santa. A santidade de Israel era confirmada por serem eles separados do estilo de vida e de adoração dos pagãos. A morte, a separação crucial, era prescrita àqueles que mantinham crenças e práticas pagãs entre o povo de Deus.

A observância da separação por parte do povo de Deus continua no Novo Testamento: “Segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento” (1 Pedro 1.15). Esta ordenança não é um ritual ou um preceito ético estabelecido por algum líder religioso, e sim uma manifestação do Deus santo: “Sede santos, porque eu sou santo” (1 Pedro 1.16). Ele não deixa seu povo sem recursos ou auxílio para se manterem separados - “pelo seu divino poder, nos têm sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e à piedade... pelas quais nos têm sido doadas as suas preciosas e mui grandes promessas, para que por elas vos torneis co-participantes da natureza divina,

livrando-vos da corrupção das paixões que há no mundo” (2 Pedro 1.3-4).

Não há dúvidas quanto à ordenança de que os cristãos devem se manter separados do pecado e da apostasia. A presença do Espírito Santo é um testemunho contínuo para que se cumpra este mandato de separação. Como resultado, os cristãos sensíveis à sua presença sofrem com o pecado. Pelo poder do sangue de Cristo e pela obra do Espírito Santo, eles desejam ardentemente confessar, abandonar e se manterem separados do pecado.

A santidade de Deus é a raiz incontestável da separação pessoal e eclesiástica. Pregadores, igrejas, denominações... e outros grupos pseudo-religiosos, que negam e distorcem as Escrituras, são profanos e estão em rebelião contra Deus. Obedecê-Lo significa separar-se dos que praticam tais pecados, pois estão violando a própria natureza de Deus. Os verdadeiros crentes estabelecem marcas bem visíveis de separação entre eles e os falsos e desobedientes empreendimentos religiosos, “porquanto que sociedade pode haver entre a justiça e a iniquidade? Ou que comunhão, da luz com as trevas? Que harmonia, entre Cristo e o Maligno? Ou que união, do crente com o incrédulo? Que ligação entre o santuário de Deus e os ídolos?” (2 Coríntios 6.14-16).

Devemos nos manter separados por meio de um padrão essencialmente bíblico, unido-nos àqueles que praticam e sustentam esse mesmo padrão. Precisamos fazer isso para agradar a Deus, cuja santidade inclui

separação da desobediência e da incredulidade. Portanto, para agradar e glorificar a Deus, temos de nos separar de religiosos que negam a Bíblia e de cristãos rebeldes. Agindo assim, honramos a Palavra de Deus, a qual nos instrui: “Retirai-vos do meio deles, separai-vos, diz o SENHOR; não toqueis em coisas impuras; e eu vos

receberei; serei vosso Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o SENHOR Todo-Poderoso” (2 Coríntios 6.17-18).

Que promessa maravilhosa! A aliança com o mundo jamais poderá rivalizar com a bênção experimentalda pelos crentes que, em obediência, mantêm-se separados para o Pai.

## IMPIEDADE E INJUSTIÇA

*D. M. Lloyd-Jones*

Quando será que as autoridades civis ouvirão e compreenderão que há uma indissolúvel ligação entre a impiedade e a falta de moralidade e de comportamento decente? Há uma ordem nestas coisas. “*Porque do céu se manifesta a ira de Deus*”, diz o apóstolo em Romanos 1.18, “*sobre toda a impiedade e injustiça dos homens*”.

Se existe impiedade, sempre existirá injustiça. Contudo, a tragédia é que as autoridades civis — independentemente do partido político que esteja no poder — parecem todas mais governadas pela psicologia moderna do que pelas Escrituras. Todas elas estão convencidas de que podem lidar com a injustiça diretamente, pelo que ela é em si mesma. Mas isso é impossível. A injustiça é sempre resultante da impiedade; e a única esperança de recuperar algum grau de justiça na vida é haver um avivamento da piedade (...) Os períodos melhores e moralmente superiores da história da Inglaterra, e de todos os demais países, sempre foram os períodos subseqüentes a poderosos despertamentos religiosos. Este problema de insubmissão e de falta de disciplina, o problema da infância e da juventude, há cinquenta anos não se fazia presente como hoje. Por quê? Porque a vigorosa tradição do Despertamento Evangélico do século 18 ainda estava produzindo efeito. No entanto, como isso passou, estes terríveis problemas morais e sociais estão de volta, como o apóstolo nos ensina, e como sempre estão de volta através dos séculos.

(Extraído de *Vida no Espírito — no casamento, no lar e no trabalho. Exposição sobre Efésios 5.18-6.9.* PES).

# RICHARD BAXTER

*Gilson Santos*

A vida longa e febril de Richard Baxter (1615-1691) foi caracterizada por condições precárias de saúde. Mesmo assim, ele produziu material (mormente nas áreas da teologia prática ou pastoral) suficiente para encher 23 volumes, numa edição de suas obras publicada no século dezenove. Viveu num período da história da Inglaterra caracterizado igualmente por destruição e criatividade e, de certo modo, a sua vida retratou a tumultuosa colisão dessas forças.

Seu maior empreendimento não foi de escala nacional, mas local. Em 1641 foi nomeado pastor de Kidderminster, em Worcestershire, que na época tinha uma população em torno de 2.000 habitantes. Quando começou seu ministério ali, encontrou, nas palavras dele mesmo, “um povo ignorante, rude e libertino”. Poucas famílias iam à igreja. Além de pregar aos domingos e às quintas-feiras (uma hora cada vez!), Baxter iniciou um incansável programa de visitação, aconselhamento pessoal, e ensino, visitando casa por casa, dia após dia. Ele ensinava individualmente os membros de sua igreja, catequizando-os (isto é, pelo método de pergunta e resposta) sistematicamente no cristianismo básico. Gradativamente, uma notável mudança se observou em toda a cidade, de maneira que quando partiu, 20 anos depois, foi difícil encontrar uma família numa rua que não tivesse sido espiritualmente transformada. Na maioria dos domingos, 1.000 pessoas lotavam o templo (cinco galerias tiveram que ser construídas para acomodá-las). Seis anos após sua partida, ele não tinha ouvido falar de um só convertido que tivesse se desviado. Como pastor, Richard Baxter era incomparável. O que ele deixou feito e registrado em Kidderminster é talvez uma das maiores realizações pastorais da história da Igreja.

Conquanto ordenado na Igreja Anglicana, tornou-se mais tarde um não conformista, vindo a ser expulso do ministério que exercia em Kidderminster. Baxter foi para Londres, para continuar pregando, e ali foi preso, quando estava com setenta anos de idade; esteve preso durante vinte e um meses. Morreu cinco anos depois.

Uns 135 artigos de sua lavra foram publicados durante sua vida, e 5 obras póstumas foram impressas posteriormente. Ele é melhor conhecido por três livros em particular. O primeiro, *The Saints' Everlasting Rest* (O Repouso Eterno dos Santos), publicado pela primeira vez em 1650, é um livro sobre o céu, reconhecido como um clássico no assunto. O segundo, *The Reformed Pastor*, publicado pela primeira vez em 1656, é talvez o mais desafiador livro escrito para pastores. O terceiro grande livro de Baxter é *A Call to the Unconverted* (Um Chamado ao Não Convertido), publicado pela primeira vez em 1658, e considerado por muitos como o melhor livro já escrito acerca da conversão.

# RICHARD BAXTER E A PREGAÇÃO REFORMADA

*Edward Donnelly*

**P**or que Richard Baxter? A teologia dele não era completamente sã. O desejo de Baxter promover a unidade da igreja às vezes o traía, ao ponto de tentar estabelecer consenso com aqueles que se encontravam distantes da fé bíblica. Embora Richard Baxter tenha sido um controversialista hábil, ele confessou: “Sinto-me bastante inclinado a dirigir palavras de controvérsia em meus escritos e propenso a provocar a pessoa contra a qual eu escrevo”. Na “época clássica da literatura evangélica”, não existem outros modelos ou exemplos mais seguros de pregação?

A resposta se encontra no valor especial de Richard Baxter para a nossa necessidade atual. Na providência de Deus, estamos vendo um renovado interesse pela fé reformada e um conseqüente aumento do número de homens que têm sido impulsionados a pregar as doutrinas da graça. Mas qualquer novo progresso pode che-

gar a extremos; e sempre existe o perigo de um homem, no primeiro ímpeto de entusiasmo em favor daquilo que descobriu, se tornar, em seus esforços para ser completamente reformado, uma caricatura daquilo que ele admira. É exatamente nisso que Baxter pode ajudar-nos, pois, naquilo em que ele foi vigoroso, muitos são fracos em nossos dias. Consideraremos três características da pregação de Baxter que fala à nossa situação contemporânea.

## *1. A PREGAÇÃO DE BAXTER ERA CARACTERIZADA POR INSTRUÇÃO CLARA E NOTÁVEL.*

Ele acreditava que um pregador deve argumentar com seus ouvintes. “Devemos estar munidos com todo tipo de evidência, de modo que cheguemos com uma torrente ao entendimento de nossos ouvintes; e munidos com todos os argumentos e postulações, para que envergonhe-

mos as suas objeções vãs e vencemos todas elas, para que eles sejam forçados a renderem-se ao poder da verdade.” Ainda que Baxter estava bem consciente das trevas da mente não-regenerada, ele sempre se preocupou em esclarecer todos os mal-entendidos possíveis e em explicar aquilo que dizia. Os sermões de Baxter tinham uma estrutura lógica: primeiro, a “introdução” do texto bíblico; em seguida, a explicação das dificuldades; depois, “as aplicações” e a exortação. Mesmo estando em meio à mais comovente argumentação, Baxter recorreria ao auxílio da razão. Após implorar com grande ternura e poder, com o propósito de “fazer Cristo e a salvação resplandecerem”, Baxter terminava enumerando nove falsos fundamentos da certeza de salvação, seguidos pelos oito testes pelos quais seus ouvintes poderiam comprovar sua própria sinceridade. Um orador erudito consideraria um desperdício o não utilizar esse “impacto emocional”, mas Baxter se propunha em deixar que a verdade causasse seu próprio impacto; e ele pregava não primariamente para mover os homens, e sim para ensiná-los.

As verdades que ele proclamava eram fundamentais. “Durante todo o nosso ministério, temos de insistir principalmente sobre as verdades primordiais, as verdades mais seguras e as verdades mais necessárias; e temos de ser mais escassos e esparsos nas demais verdades. Há muitas outras coisas que são desejáveis de conhecermos; algumas, porém, têm de ser conhecidas, pois, de outro modo, o nosso povo ficará despreparado para sempre.” Isto é muitíssimo diferente

da pregação que elabora um exame superficial de algumas passagens muito usadas ou, mais habitualmente, um exame de alguns versículos das Escrituras e da pregação que descarta qualquer outra coisa como algo que não “faz parte do evangelho”. Baxter fazia uma abordagem profunda e argumentava com um conhecimento íntimo do texto bíblico. Ele apresentava as verdades fundamentais em toda a plenitude de seu inter-relacionamento, bem como em toda a plenitude de sua aplicação. Todavia, ele acreditava que a pregação deve alcançar as necessidades das pessoas; que se comete um erro quando as grandes necessidades delas deixam de ser alcançadas; e que a “questão das necessidades” deveria estar sempre à frente.

As grandes verdades fundamentais eram ensinadas em linguagem simples, pois “não existe maneira melhor de fazermos uma boa causa prevalecer do que por meio de torná-la bastante clara”. Visto que o propósito do pregador é ensinar, ele tem de falar de maneira que seja entendido. Naqueles dias em que havia os provadores de sermões, Baxter era criticado pela clareza de sua linguagem e teve de lutar contra o orgulho de seu coração, que o pressionava a utilizar um estilo mais polido de linguagem. “Deus nos mandou ser tão claros quanto pudermos, a fim de que os ignorantes sejam instruídos... mas o orgulho permanece ao nosso lado e contradiz tudo, produzindo suas trivialidades e suas brincadeiras. Ele nos persuade a pintar a janela, para que a luz se torne menos brilhante.”

Isto certamente nos desafia, que-

ridos irmãos. Nós temos como alvo o oferecer exposição argumentada da verdade para o nosso povo. No entanto, em nossa preparação, procuramos esclarecer qualquer dificuldade possível e fornecer argumentos que convencem as mentes de nossos ouvintes? Ou temos nos tornado negligentes por causa de sua aprovação sem críticas? Nos sentimos tão receosos de ser rotulados como “fundamentalistas”, que gastamos maior parte de nosso tempo nos cantinhos menos conhecidos das Escrituras? É possível

um homem adquirir a reputação de administrador de um restaurante para *gourmets* reformados, produzindo raridades teológicas que são obtidas em algum lugar — enquanto muitas das ovelhas famintas de seu rebanho olham para elas e não são alimentadas. É um erro trágico concentrar-se naquilo que “desejamos conhecer” e negligenciar aquilo que “temos de conhecer”. O nosso povo realmente entende as verdades centrais a respeito das alianças de Deus, da pessoa e obra de Cristo, do pecado, da regeneração, do arrependimento e da fé? Até que os *fundamentos* da fé dos membros de nossa igreja não estejam firmemente estabelecidos, faremos bem se atribuírmos menos ênfase sobre a imensa *estrutura* doutrinária das Escrituras. Pregamos em linguagem simples? Sem dúvida, procuramos evitar expressões superacadêmicas. É

---

...*ele procurava “levar os pecadores a perceberem que tinham de ser, inevitavelmente, convertidos ou condenados”.*

---

verdade que muitos dos vocábulos poderosos das Escrituras nunca podem ser omitidos de nosso vocabulário. Sem dúvida, eles têm de ser explicados e, depois, incorporados à mente e à conversa de nossos ouvintes. Apesar disso, fazemos conscientemente todo o esforço necessário

para evitar os chavões hipnóticos e paralisadores do pensamento, a fim de apresentarmos a verdade com uma roupagem nova e contemporânea? Baxter nos convida a realizarmos um

ministério de pregação no qual os fundamentos da fé são apresentados com atratividade e clareza.

## 2. A PREGAÇÃO DE RICHARD BAXTER ERA CARACTERIZADA POR UM ARDENTE APELO EVANGELÍSTICO.

A grande realidade que moldava seu ministério era o fato de que todos comparecerão diante do tribunal de Cristo. Sua extrema fraqueza física aumentava sua consciência de que havia apenas um passo entre ele mesmo e a morte, que Baxter chamava de sua “vizinha”. Todos os deveres tinham de ser cumpridos, todos os sermões deveriam ser pregados à luz daquele grande Dia. “Todos os dias, eu sei e penso que está se aproximando a hora” — dizia Baxter. Sua congregação foi descrita como “um grupo de pecadores carnis, miseráveis e ignorantes, que tinham de ser transformados ou condenados. Pare-

ce que posso vê-los entrando na condenação final! Parece que eu os escuto clamando por socorro, pelo socorro mais urgente!”

Essa consciência da eternidade tornou Baxter um pregador emocional. “Se você deseja conhecer a arte de apelar, leia Richard Baxter”, disse Charles Spurgeon. Entretanto, a emotividade de Baxter não era indisciplinada; era motivada por uma compreensão da verdade, pois ele não tinha tempo para um “fervor simulado”. “Primeiramente, a

luz; depois, o calor” — este era seu moto: em primeiro lugar, a exposição da verdade; em seguida, as pungentes palavras de apelo, resultantes da verdade. No final de seu livro *“Uma Chamada ao Não-Convertido, Para que se Converta e Viva”* (Nota do Editor: Leia *“Convite para Viver”*, resumido por John Blanchard e publicado pela Editora Fiel), Baxter apelou aos seus ouvintes com uma seriedade tão amável que podemos quase ver as lágrimas em sua face. “Meu coração está perturbado em pensar como deixarei vocês, para que eu não os deixe como os encontrei, até que acordem no inferno.... Hoje, entre vocês sou um pedinte tão ardoroso, por causa da salvação da alma de vocês, como se estivesse pedindo algo para satisfazer minha própria necessidade e estivesse obrigado a vir

como um mendigo às portas das casas de vocês. Portanto, se vocês pretendem me ouvir, ouçam-me agora. E, se vocês querem demonstrar piedade para comigo, suplico que nesse momento tenham piedade de vocês mesmos. Ó senhores, creiam: a morte e o julgamento, o céu e o inferno

se tornam outra coisa quando nos aproximamos deles, diferentes daquilo que pensávamos quando deles estávamos distantes. Quando deles se aproximarem, vocês ouvirão a mensagem que lhes estou apresen-

tando, com corações mais despertos e atenciosos.”

O assunto central da pregação de Baxter era um urgente convite para que o ouvinte recebesse a Cristo. Richard Baxter pregava esperando um veredicto; ele procurava “levar os pecadores a perceberem que tinham de ser, inevitavelmente, convertidos ou condenados”. As palavras finais de Baxter em seu livro *“Desprezando a Cristo e a Salvação”* são poderosas e pungentes: “Quando Deus remover de seus corpos aquelas almas descuidadas, e você, leitor, tiver de responder, em seu próprio nome, por todos os seus pecados; então, o que você não daria por um Salvador? Quando você perceber que o mundo o abandonou, que seus companheiros de pecado iludiram a si mesmos e a você e que todos os seus

— ■ —

*A tarefa do pastor é uma só — a mesma verdade comunicada ao mesmo povo, tendo o mesmo propósito: a glória de Deus, por meio da salvação ou da condenação.*

— ■ —

dias de felicidade se acabaram; então, o que você não daria por Cristo e pela salvação que você agora não considera ser uma coisa digna de se esforçar por ela? Você que não menospreza uma pequena enfermidade, uma necessidade ou a morte natural, não, nem mesmo uma dor de dente, mas lamenta como se estivesse arruinado; como você despreza a fúria do Senhor, que arderá contra aqueles que condenam a sua graça? Agora posso reconhecer qual será a sua determinação para os dias futuros. O que você tem a dizer? Você pretende continuar desprezando a Cristo e a salvação, como o tem feito até agora, e, apesar disso, ser o mesmo homem? Espero que não.”

O gume afiado estava sempre presente nas mensagens de Baxter — uma decisão tinha de ser tomada, um veredicto precisava ser dado, e uma oferta de misericórdia, aceita ou rejeitada.

No entanto, isso está bem longe de corresponder ao decisionismo superficial. O pregador arminiano tem receio do que a mente pode dizer ao coração, depois que terminar o culto; por isso, ele tenta compelir os ouvintes a uma decisão da vontade, antes que pensamentos posteriores deles os afastem de Cristo. Baxter não somente se mostrava corajoso em lidar com os pensamentos posteriores, mas também contava com tais pensamentos, esperando que seus ouvintes refletiriam profundamente sobre aquilo que havia sido pregado. Assim, vemos Baxter plantando bombas-relógios nas mentes de seus ouvintes, aplicações que continuariam a falar, depois que a voz de Baxter

silenciasse. “Não posso acompanhá-los até suas casas, para aplicar a Palavra às necessidades diárias de vocês. Oh! que eu possa transformar a consciência de vocês em um pregador, e que ela pregue para vocês mesmos, pois está sempre acompanhando-os! Da próxima vez que forem deitar-se ou dirigirem-se ao trabalho, sem haver orado, que a consciência de vocês grite bem alto: Você não se preocupa mais com Cristo e com a salvação de sua alma? Da próxima vez que se apressarem para a prática de um pecado conhecido, que a consciência de vocês clame: A salvação e Cristo não são mais dignos, para que você os despreze ou os arrisque por causa de suas concupiscências? Da próxima vez que vocês passarem o dia do Senhor em ociosidade ou esportes vãos, que a consciência lhes diga o que estão fazendo.” Baxter tomava cada um dos aspectos da vida e os arregimentava como um pregador, de modo que os pecadores ficassem cercados por um ambiente em que cada parte declarasse as reivindicações divinas.

Quer com justiça, quer não, em muitos lugares os pregadores reformados têm uma reputação de serem restritos e impessoais em suas mensagens. Isso pode ser uma reação contra os excessos de nossa época, contra o zelo sem discernimento, o calor sem a luz, a sã doutrina sem o bom senso. Não tem sido esta uma reação excessiva? Nós, que vemos Deus em todos os aspectos de nossa vida, poderíamos ser mais profundamente impressionados pela realidade das coisas eternas. Compreendendo a miséria da depravação humana e a

maravilha da graça soberana, deveríamos nos sentir profundamente comovidos, quando essa verdade nos envolvesse. A evolução de nossa mente atrofiou de tal modo nosso coração, que nos leva a suspeitar das emoções autênticas? Hesitamos em pregar com insistência o evangelho aos homens, por medo de sermos considerados arminianos? Um pregador reformado pode considerar os cinco pontos do calvinismo como um campo minado pelo qual ele anda na ponta dos pés; e isto pode levá-lo a sentir-se tão temeroso de explodir em meio a uma expressão mal-utilizada, que ele não chega a almejar a conversão de seus ouvintes. O poder e o impacto de um sermão se perdem no emprego de milhares de termos qualificativos utilizados na mensagem. Nossa pregação será uma caricatura, se faltar um apelo sincero para que os homens recebam o Cristo todo-suficiente, que se oferece livremente a todos os que vierem a Ele. As verdades do calvinismo não são barreiras que têm de ser ultrapassadas, antes que o evangelho seja pregado; antes, elas são uma plataforma da qual pregamos com mais poder. É exatamente porque a graça é soberana e livre, que podemos proclamá-la com mais paixão; porque a redenção adquirida por Cristo é completa e certa, podemos recomendá-la com muito brilho; porque Deus, de acordo com sua própria vontade, escolheu alguns homens para a salvação, podemos pregar confiantemente. Se os pastores reformados têm de permanecer em harmonia com as Escrituras, temos de gravar esse elemento da pregação de Baxter.

### 3. *A PREGAÇÃO DE BAXTER ERA ACOMPANHADA POR ACONSELHAMENTO PASTORAL SISTEMÁTICO.*

Ele não fazia qualquer divisão, como a que existe hoje, entre pregação e trabalho pastoral, pois ele entendeu o que Paulo quis dizer, quando recordou aos crentes de Éfeso, que lhes havia ensinado “publicamente e de casa em casa”. A tarefa do pastor é uma só — a mesma verdade comunicada ao mesmo povo, tendo o mesmo propósito: a glória de Deus, por meio da salvação ou da condenação. Talvez nisto Baxter se mostre mais útil aos pastores de nossos dias — em estabelecer uma forte ligação entre o púlpito e o pastorado.

Baxter esperava que conversões resultassem de sua pregação. Ele aconselhou seus colegas de ministério: “Se vocês não desejam ardentemente ver a conversão e a edificação de seus ouvintes, se não pregam nem estudam com esta esperança, provavelmente vocês não obterão muito sucesso”. Baxter dependia completamente do Senhor para obter sucesso em sua pregação; ele atacava com todo o vigor a abominável atitude de um pregador utilizar a soberania de Deus, em conceder ou não a salvação, como uma desculpa para a negligência. O pregador tem de desejar muito a conversão de seus ouvintes e encher-se de tristeza se eles não responderem ao convite do evangelho. “Sei que um pastor fiel pode consolar-se, quando lhe falta sucesso... mas o pastor que não empenhasse por ser bem sucedido em seu trabalho não pode ter qualquer consolo, porque não é um trabalhador fiel.”

Esse desejo intenso por resultados levou Baxter a visitar as casas de seus ouvintes e fazer a obra de catequização pessoal. Ele procurava descobrir quanto os seus ouvintes haviam entendido da pregação, que efeito a pregação tivera sobre eles e se haviam ou não recebido a oferta de misericórdia por meio do evangelho. A semente que ele havia plantado precisava de cultivo posterior? As ervas daninhas precisavam ser arrancadas daquele solo?

Essas perguntas poderiam ser respondidas somente através da conversa pessoal. A princípio, Baxter esquivou-se da obra — “Muitos de nós temos uma vergonha tola que nos faz recuar em começar a obra com

os ouvintes e conversar claramente com eles”. Mas, à medida que ele ganhou experiência, esse aconselhamento pastoral se tornou “a obra mais confortável, exceto a pregação pública, na qual eu já coloquei minhas mãos a realizarem”. Devemos ressaltar que foi a seriedade de Baxter como pregador que o tornou um pastor tão diligente. Sua visitação aos lares serviu-lhe de instrumento para explicar e aplicar posteriormente aquilo que havia dito no púlpito. Na verdade, ele descobriu que as pessoas não receberiam a sua pregação com a devida seriedade, a menos que ela

fosse reforçada por uma abordagem pessoal e achegada.

Em uma passagem clássica de seu livro *O Pastor Aprovado*, Baxter disse: “Os seus ouvintes lhe darão oportunidade de pregar contra os pecados que eles cometem, assim como clamar do púlpito em favor da piedade, se você não os confrontar depois, ou em contato pessoal posterior for favorável ou demasiadamente amigável com eles... Eles consideram o púlpito como um

palco, um lugar onde os pregadores têm de apresentar-se e realizar o seu papel; onde você tem a liberdade de falar, durante quase uma hora, sobre o que você escreveu em seu esboço; e o que você pregou eles não levam em

---

*“Se vocês não desejam ardentemente ver a conversão e a edificação de seus ouvintes, se não pregam nem estudam com esta esperança, provavelmente vocês não obterão muito sucesso.”*

---

consideração, se não lhes mostrar, por falar-lhes face a face, que você estava pregando com seriedade e realmente pretendia dizer o que pregou em sua mensagem”. A obra pastoral de Baxter não somente reforçava o que ele havia pregado, mas também o ajudava a pregar com mais pungência e relevância no futuro. “Conversar uma hora ou mais com um pecador ignorante e obstinado lhe fornecerá, tão bem quanto uma hora de estudo no escritório, assuntos úteis a serem apresentados em seus sermões; pois você saberá sobre que assunto precisa insistir e quais objeções des-

ses pecadores você terá de repelir.” Baxter conheceu o seu povo — a personalidade, os problemas, as tentações, a maneira de viver deles. Ele se assentava onde eles se assentavam; assim foi capacitado a pregar sermões elaborados para as necessidades particulares deles. Para um homem ser um verdadeiro pregador, ele tem de ser um verdadeiro pastor. Temos de reconhecer a centralidade da pregação, mas será que não utilizamos isso como desculpa para a covardia e a indiferença pastoral? O fato de que pregamos publicamente contra os pecados dos homens nos absolve da responsabilidade de confrontá-los, em seus lares, a respeito dos mesmos pecados? Somos chamados para ser estudantes diligentes, para trabalhar na Palavra, para estar em nosso lugar secreto. No entanto, o estudo pode se tornar um refúgio conveniente para fugirmos da realidade, e podemos facilmente por meio da leitura de mais um livro tranquilizar nossa consciência no que diz respeito a uma visita não realizada. Muitos de nós temos descoberto, para nossa vergonha, que a coragem com que temos pregado pode evaporar-se durante o trajeto até à porta da casa da pessoa para a qual estamos nos dirigindo, a fim de visitá-la. Havendo tropejado, com ousadia, contra o pecado, nos encontramos procurando conciliar-nos, por meio de um sorriso e de um aperto de mãos, com aquelas mesmas pessoas cujas consciências estávamos procurando ferir; “estamos procurando ser amigos e nos alegrarmos com eles”; estamos preferindo que Deus fique irado com eles, ao invés

de eles ficarem irados conosco.

Na tentativa de ressaltarmos a importância da pregação, é possível reagirmos de maneira errônea, por minimizarmos a obra pessoal. O aconselhamento pessoal não pode ser um substituto para a Palavra pregada, mas, como um instrumento de reforçar e aplicar a Palavra à consciência do indivíduo, o aconselhamento pastoral cumpre uma função singular. Além disso, serve também para nos tornar pregadores melhores, e não piores. Quando visitamos de casa em casa, a neblina de nosso estudo será desfeita e voltaremos a fim de preparar sermões de acordo com a vida e na linguagem do povo.

Este foi Richard Bartex de Kidderminster, um pregador que trabalhou muito para tornar clara a verdade de Deus, que falava com um coração ardente, enquanto apelava ao seu povo que se aproximasse de Cristo; um pastor que conhecia suas ovelhas por nome, que falava com elas pessoalmente a respeito das grandes preocupações de sua alma. Richard Baxter não é simplesmente uma curiosidade histórica, um fóssil para ser admirado; ele é um estímulo, uma reprovação, um encorajamento. Em suas *Meditações Sobre a Morte*, Baxter revela o coração do pregador: “Meu Senhor, não tenho nada a fazer neste mundo, exceto buscar-Te e servir-Te; não tenho nada a fazer com o coração e suas afeições, exceto amar-Te intimamente; não tenho nada a fazer com os lábios e com a caneta, exceto falar sobre Ti, a favor de Ti, e publicar a tua glória e a tua vontade”.

# O LUGAR DA PREGAÇÃO NA ADORAÇÃO

*John Piper*

*“Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra . Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu reino: prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina. Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas.”*

2 Timóteo 3.16 - 4.4

**P**OR QUE A PALAVRA DE DEUS É TÃO PROEMINENTE NA ADORAÇÃO COLETIVA DA IGREJA?

Nesse artigo a respeito de adoração, precisamos fazer essa pergunta. Quase a metade do tempo de um culto é gasto na pregação da Palavra. Essa é uma proporção notável e exige uma explicação.

Por que eu devo gastar tempo ensinado-os sobre a pregação, se nem todos estão em um seminário prepa-

rando-se para serem pregadores? Há três respostas simples. Primeira: vocês saberão melhor o que fazer com a pregação, se entendem, de acordo com a Bíblia, porque a pregação ocupa esse lugar no culto. Segunda: vocês serão capazes de avaliar se estão realmente ouvindo o tipo correto de pregação, se compreendem, de conformidade com a Bíblia, o que deve ser uma pregação correta. Terceira: se vocês sabem o que é a

verdadeira pregação, serão capazes de discernir e escolher o tipo certo de pregador, quando tiverem de convidar um pastor para ocupar o púlpito da igreja de vocês. Conseqüentemente, haverá implicações importantíssimas para a vida e para as famílias de vocês, bem como para o futuro de sua igreja — e de todas as igrejas —, se o povo de Deus souber o que é a verdadeira pregação bíblica e por que ela é tão proeminente na adoração coletiva.

Consideremos a pergunta: *por que a Palavra de Deus é proeminente em nossa adoração coletiva?*

Ora, essa pergunta, na realidade, está constituída de duas partes. Primeira: por que a Palavra de Deus é tão proeminente? Segunda: por que essa maneira de apresentar a Palavra possui tão grande relevância? Qualquer crente poderia simplesmente ler a Bíblia por meia hora, ao invés de ouvir a pregação da Palavra, e isto com certeza tornaria proeminente a Palavra de Deus. Ou alguém poderia apenas dirigir uma discussão sobre a Bíblia por meia hora. Ainda, outro poderia realizar uma análise acadêmica sobre o vocabulário, a gramática e as circunstâncias históricas da Bíblia. Portanto, não devemos apenas perguntar por que a Palavra de Deus é tão proeminente, mas também por que a pregação é tão relevante.

### **Deus se revela a Si mesmo como a Palavra e através da Palavra**

A primeira razão é por que Deus decidiu revelar a Si mesmo como a Palavra e através da Palavra. O após-

to João disse: “No princípio era o Verbo [a Palavra]” (João 1.1). No princípio, não era a música, nem o teatro. Deus identifica seu Filho, que é Deus, como a Palavra. Isso é tremendamente importante. “No princípio, era o Verbo [a Palavra].” O Filho de Deus é a Palavra de Deus. Ele é a comunicação de Deus para o mundo; Ele é a Palavra de Deus.

Deus não somente decidiu revelar a Si mesmo como a Palavra, mas também através da Palavra. Considere nosso texto-base: “Toda a Escritura é inspirada por Deus” (2 Tm 3.16). Isto significa que Deus resolveu falar-nos, revelar a Si mesmo e interpretar suas realizações na História por meio da inspiração de palavras escritas. Isso é exatamente o que o vocábulo “escritura” significa — “escritos”. Toda a Escritura — todos os escritos do cânon judaico-cristão — é inspirada, ou seja, soprada por Deus; ou, conforme 2 Pedro 1.21 afirma: “Nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens [santos] falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo”. As Escrituras do Antigo e do Novo Testamento são a revelação de Deus mesmo para nós.

A primeira resposta à pergunta por que a Palavra é tão proeminente na adoração pública é esta: porque Deus revelou a Si mesmo como a Palavra e através da Palavra. Se tem o alvo de ser uma comunhão espiritual com Deus e causar uma reação amorosa e reverente para com Deus, então a revelação de Deus mesmo tem de estar no âmago da adoração; e Ele determinou tornar-se conhecido principalmente por meio de sua Palavra.

## Deus realiza suas obras através de sua Palavra

Poderíamos dizer mais: a adoração é uma resposta à obra de Deus, e a Palavra de Deus é o instrumento pelo qual Ele age no mundo. Esta foi a maneira pela qual Ele agiu no princípio, quando criou o mundo por intermédio de sua Palavra (Hb 11.3). E esta tem sido a maneira pela qual, desde então, Deus realiza suas grandes obras — através de sua Palavra. Por exemplo, sabemos que Jesus simplesmente falou e as ondas se aquieta-ram (Mc 4.39), a febre retirou-se (Lc 4.39), demônios foram expulsos (Mc 1.25), pecados foram perdoados (Mc 2.10), cegos recuperaram sua visão (Lc 18.42) e mortos foram ressuscitados (Lc 7.14). Deus agiu por intermédio de sua Palavra!

Também sabemos que Deus continua agindo no mundo por intermédio de sua Palavra. Considere novamente 2 Timóteo 3.16-17: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra”. Em outras palavras, é por meio da Palavra que Deus realiza as boas obras de seu povo. Essa é a razão por que Jesus disse que os homens verão nossas boas obras e glorificarão ao nosso Pai,

que está no céu (Mt 5.16). Deus age por intermédio de sua Palavra, para realizar sua obra, através de seu povo, no mundo.

Você pode ver isto frequentemente na Bíblia. Por exemplo, o Salmo 1 afirma: o homem que medita na Palavra de Deus, de dia e de noite, será “como árvore plantada junto a correntes de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto, e cuja folhagem não murcha; e tudo quanto ele faz será bem sucedido” (v. 3). Assim, a Palavra de Deus produz fruto e torna a pessoa bem sucedida na vontade

dEle. Considere também Hebreus 4.12: “Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração”. A Palavra de Deus é o grande agente na grandiosa obra de julgamento e convicção. Recorde, também, João 17.17, quando Jesus orou ao Pai: “Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade”. A grande obra de santificação, Deus a realiza por meio de sua Palavra. E nossa listagem poderia continuar.

O fato mais importante é que adoração significa conhecer, admirar e desfrutar de Deus, por intermédio de suas obras. Todas essas obras são vistas em sua Palavra e realizadas por

— ■ —

*A adoração é uma  
resposta à obra de Deus,  
e a Palavra de Deus  
é o instrumento pelo  
qual Ele age no mundo.*

— ■ —

meio dela. Portanto, a Palavra de Deus é proeminente na adoração.

## Deus realiza o novo nascimento através de sua Palavra

Preciso mencionar outra razão por que a Palavra é tão proeminente na adoração. A adoração depende completamente do milagre espiritual do novo nascimento e da obra contínua de vivificação da fé. Esses milagres Deus realiza por meio de sua Palavra. Por exemplo, citamos 1 Pedro 1.23: “Fostes regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente”. O novo nascimento é realizado por Deus através de sua Palavra. Isto significa que a vida de que necessitamos para adorar a Deus com autenticidade surge por intermédio da Palavra. Se não há vida espiritual, não há adoração. Se não há pregação da Palavra, não há vida espiritual. E não somente isto; o contínuo reavivar da fé, domingo após domingo, se realiza por intermédio do ouvir a Palavra de Cristo (Rm 10.17) — não apenas uma vez, e sim por repetidas vezes.

A Igreja Protestante colocou a Palavra de Deus no lugar de maior proeminência na adoração coletiva, porque a adoração contempla e desfruta de Deus mesmo; e Ele se revela como a Palavra, por intermédio da

Palavra. Em particular, Deus realiza sua obra no mundo através da sua Palavra; e, por meio dela, outorga vida nova e aviva a fé. Sem a Palavra de Deus, não haveria vida, nem fé, nem obra, nem revelação, nem adoração. A Palavra significa para a adoração o que o oxigênio significa para a respiração.

## ***POR QUE PREGAÇÃO É TÃO PROEMINENTE NA ADORAÇÃO COLETIVA?***

Nossa segunda pergunta deve ser: *Visto que a Palavra de Deus deve ser tão proeminente na adoração, por que esse ministério específico da Palavra, chamado “pregação”, é tão importante?*

Observe o que vem logo em seguida às palavras afirmativas de que toda a Escritura é inspirada por Deus (2 Tm 3. 16.17). Paulo disse, com notável solenidade e elevada seriedade: Conjuramente, perante Deus e Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e

— ■ —  
*Adoração significa  
 conhecer, admirar e  
 desfrutar de Deus,  
 por intermédio de  
 suas obras.*  
 — ■ —

pelo seu reino: Prega a palavra” (4.1-2). É claro que para este jovem ministro da Palavra (ver 2 Tm 2.15) a pregação tinha de ser uma atividade proeminente. E o contexto do capítulo 3 (vv. 16-17) parece transmitir a idéia de que a pregação não serve apenas para evangelizar nas praças ou nas esquinas; ela serve também para os crentes que necessitam de correção, repreensão, exortação e

doutrina (conforme afirma 2 Timóteo 4.2).

Portanto, poderíamos dizer: nós pregamos porque 2 Timóteo 4.2 afirma que devemos fazê-lo. Gostaria de ir mais além e perguntar: Por que é tão adequado, no plano de Deus, que a pregação seja proeminente na adoração?

## Os precedentes do Antigo e do Novo Testamento

Uma resposta é que existe precedentes bíblicos para esclarecer o lugar das Escrituras na adoração. Por exemplo, Neemias 8.6-8 afirma: “Esdras bendisse ao SENHOR, o grande Deus; e todo o povo respondeu: Amém! Amém! E, levantando as mãos, inclinaram-se e adoraram o SENHOR, com o rosto em terra. E... os levitas ensinavam o povo na Lei; e o povo estava no seu lugar. Leram no livro, na Lei de Deus, claramente, dando explicações, de maneira que entendessem o que se lia”. Não houve apenas a leitura da Lei, houve também homens designados que davam “explicações, de maneira que entendessem o que se lia”. Tudo isso aconteceu em um contexto de louvor e de adoração ao Senhor.

No Novo Testamento, a sinagoga dos judeus era uma continuação desse modelo. Em Lucas 4.16 e os versículos seguintes, vemos Jesus dirigindo-se a Nazaré, entrando na sinagoga, no sábado, e lendo na profecia de Isaías um texto que se referia à vinda dEle mesmo. Em seguida, Jesus assentou-se e apresentou sua interpretação: “Hoje, se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir” (Lc

4.21). Este era o esquema habitual praticado na sinagoga: a Palavra de Deus era lida, e, em seguida, havia a sua interpretação e a sua aplicação.

Vemos isso também no livro de Atos dos Apóstolos. Conforme o relato neotestamentário, Paulo e seus colegas missionários chegaram à Antioquia da Pisídia e, “indo num sábado à sinagoga, assentaram-se. Depois da leitura da lei e dos profetas, os chefes da sinagoga mandaram dizer-lhes: Irmãos, se tendes alguma palavra de exortação para o povo, dizei-a” (At 13.14-15). Paulo se levantou e pregou a Palavra (vv. 16 a 31).

Por conseguinte, a primeira razão por que a Palavra de Deus se tornou central na igreja é esta: esse foi o padrão estabelecido no Antigo Testamento e na sinagoga do Novo Testamento.

## Os dois aspectos essenciais da adoração

Há duas razões que justificam, ainda mais profundamente, o proeminente lugar da pregação na adoração. Essas duas razões estão relacionadas aos aspectos essenciais da adoração: compreender a Deus e deleitar-se nEle. Jonathan Edwards explicou o objetivo de Deus na adoração, utilizando as seguintes palavras:

“Há duas maneiras pelas quais Deus glorifica a Si mesmo para com suas criaturas: 1) por manifestar-se ao entendimento delas; 2) por comunicar-se ao coração delas, quando elas se regozijam, se deleitam e desfrutam das manifestações que Ele faz de

Si mesmo. Deus é glorificado não somente por sua glória ser contemplada, mas também por nos regozijarmos nela. Quando aqueles que vêem a glória de Deus se deleitam nela, Deus é mais glorificado do que se eles apenas a contemplassem. Deste modo, a glória de Deus é recebida por toda a alma, ou seja, tanto pelo entendimento quanto pelo coração”.

Portanto, há sempre duas partes na verdadeira adoração. Podemos dizê-lo assim: existe o contemplar a Deus e existe o provar da pessoa de Deus. Não podemos separá-las. Temos de vê-Lo, para que dEle provemos. E se não provarmos dEle, quando O contemplarmos, estaremos insultando-O. Outra maneira de afirmar isso seria a seguinte: na adoração existe sempre o entender com a mente e o sentir no coração. O entender tem de ser sempre o alicerce do sentir, pois, do contrário, o que teremos será apenas emocionalismo sem fundamento. O entendimento de Deus que não resulta em sentimentos para com Deus torna-se em mero intelectualismo e apatia. Esta é a razão por que a Bíblia, por um lado, nos convida constantemente a pensar, a meditar, a ponderar, a lembrar; e, por outro lado, ela nos convida a temer, a lamentar, a esperar, a nos deleitarmos e nos alegrarmos. Essas duas atitudes estão na essência da adoração.

A pregação é a forma que a Palavra de Deus assume na adoração, porque a verdadeira pregação é o tipo de discurso que une, de maneira consistente, esses dois aspectos da adoração, tanto na maneira como a

pregação é realizada quanto em seus objetivos. Quando Paulo disse a Timóteo: “Prega a palavra”, o vocábulo grego traduzido pelo verbo pregar é uma palavra que significava “ser o arauto”, “anunciar”, “proclamar” (khêruxon). Não é apenas um vocábulo com a idéia de ensinar ou explicar. Significava o que o arauto da cidade clamava: “Ouvi! Ouvi! Ouvi! O Rei tem uma proclamação de boas-novas para todos os que prometerem fidelidade ao seu domínio. Seja conhecido que a vida eterna será dada a todos os que confiam e amam o Filho dEle”. Essa proclamação, eu a chamo de “exultação”. A pregação é uma exultação pública a respeito da verdade que ela anuncia. Não é algo desinteressante, frio ou neutro; é apaixonante naquilo que ela anuncia.

No entanto, essa proclamação contém ensino. Perceberemos isso, se considerarmos novamente 2 Timóteo 3.16 — a Escritura (que suscita a pregação) é proveitosa para o “ensino”. E podemos ver isso quando olharmos adiante e consideramos o restante de 2 Timóteo 4.2: “Prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina”. Assim, verificamos que a pregação é expositiva; ela aborda a Palavra de Deus. A verdadeira pregação não é a expressão de opiniões de homens; é uma fiel exposição da Palavra de Deus.

### **Exultação expositiva**

Em uma frase, a pregação é uma “exultação expositiva”.

Em conclusão, dizemos: a razão

por que a pregação é tão proeminente na adoração é por que esta não consiste apenas do entender, mas também do sentir. Adoração não é apenas contemplar a Deus; é também provar dEle. Não é apenas uma resposta de nossa mente; é também uma resposta do coração. Por isso, Deus ordenou que a forma que sua Palavra deve assumir na adoração não seja apenas uma explicação à mente, nem apenas de uma simulação ao coração. Pelo contrário, a pregação da Palavra tem por objetivo ensinar a mente e alcançar o coração; tem de mostrar a verdade de Cristo e provar a glória de dEle; tem de expor a Palavra de

Deus e exultar no Deus da Palavra.

Isto é o que significa a pregação. Esta é a razão por que ela é tão proeminente na adoração. A pregação não é uma simples obra de um homem; é um dom e uma obra do Espírito Santo. Portanto, a pregação se realiza melhor quando os crentes estão orando e se encontram espiritualmente preparados para ela.

Orem por vocês mesmos e pelo(s) pastor(es) de sua igreja. Procuremos nos tornar pessoas que vivem e adoram no poder da Palavra de Deus — lida, memorizada, ensinada e pregada.

## A COLHEITA DO CRISTÃO

*C. H. Spurgeon*

Terás uma colheita do que quer que estejas fazendo. Espero que todos estejam fazendo alguma coisa. Se eu não posso mencionar no que você está particularmente engajado, creio que todos estão servindo a Deus de alguma maneira, e que certamente terão uma colheita onde quer que estejam espalhando sua semente. Mas vamos pensar no pior: se você jamais vivesse para ver a colheita neste mundo, você terá uma colheita quando chegar ao céu. Se você viver e morrer como um homem desiludido nesse mundo, você não se decepcionará no mundo vindouro. Fico imaginando como alguns do povo de Deus estarão surpresos quando chegarem aos céus. Eles verão o seu Mestre e Ele lhes dará uma coroa. “Senhor pelo que estou recebendo esta coroa?” “Essa coroa é porque você deu um copo d’água a um dos meus discípulos”. “O quê? Uma coroa por um copo d’água?” “Sim”, dirá o Mestre, “é assim que eu pago aos meus servos. Primeiro eu lhes dou a graça para darem um copo d’água, e aí, tendo dado a eles a graça, eu lhes dou uma coroa”. “Maravilhas da graça pertencem a Deus.” O que semeia com fartura, com abundância também ceifará, aquele que semeia pouco, pouco também ceifará.

Extraído de *Teachings of Nature in th Kingdom of Grace*  
(Os Ensinamentos da Natureza no Reino da Graça).

# VOCÊ JÁ NASCEU DE NOVO?

J. C. Ryle

**E**sta é uma das questões mais importantes do cristianismo. Jesus mesmo disse: “*Se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus*” (Jo 3.3).

Não é suficiente responder: “Eu pertencço a uma igreja cristã; portanto, suponho que já nasci de novo”. Milhões de cristãos nominais não manifestam nenhuma das características e sinais de serem pessoas nascidas de novo, os sinais e características que as Escrituras nos apresentam.

Você gostaria de conhecer as marcas distintivas e as características de alguém que nasceu de novo? Preste atenção; eu as mostrarei utilizando a Primeira Carta de João.

**Primeiramente**, João afirma:

*“Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado... todo aquele que é nascido de*

*Deus não vive em pecado”* (1 Jo 3.9; 5.18).

Uma pessoa nascida de novo, ou seja, regenerada, não comete o pecado como um hábito. Não peca mais com seu coração, sua vontade e toda a sua inclinação natural, como o faz a pessoa não-regenerada. Havia um tempo em que ela não se preocupava com o fato de que suas atitudes eram pecaminosas ou não, um tempo em que não se entristecia após fazer o mal. Não havia qualquer luta entre ela e o pecado; eram amigos. Agora a pessoa nascida de novo odeia o pecado, foge dele, combate-o, considera-o sua maior praga, geme sob o fardo da presença dele em seu ser, lamenta quando cai diante da influência do pecado e deseja intensamente ser completamente liberta dele. Em resumo, o pecado não lhe causa mais satisfação, tampouco é algo para o que ela se mostra indiferente. O pe-

cado tornou-se para a pessoa nascida de novo uma coisa abominável, que ela detesta. Ela não pode evitar a presença do pecado. Se disser que não tem pecado, não haverá verdade em suas palavras (1 Jo 1.8). Mas a pessoa regenerada pode afirmar com sinceridade que odeia o pecado e que o grande desejo de sua alma é não mais cometê-lo, de maneira alguma. O indivíduo regenerado sabe, conforme o disse Tiago, que “todos tropeçamos em muitas coisas” (Tg 3.2). Todavia, ele pode afirmar com sinceridade, diante de Deus, que tais coisas lhe causam tristeza e aflição diariamente e que toda a sua natureza não as aprova.

Apresentei-lhe esta característica da pessoa nascida de novo. O que o apóstolo João falou aplica-se à sua vida? Você já nasceu de novo?

**Em segundo**, João afirma:

“*Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo é nascido de Deus*” (1 Jo 5.1).

Uma pessoa nascida de novo, ou seja, regenerada, crê que Jesus Cristo é o único Salvador por intermédio de quem sua alma pode ser perdoada; crê que Ele é o ser divino que Deus, o Pai, designou para este propósito e que, além dele, não existe outro Salvador. Em si mesmo, o indivíduo regenerado não vê nada, exceto indignidade; mas em Cristo a pessoa nascida de novo contempla o fundamento para a mais plena confiança e, confiando nEle, ela crê que seus pecados foram todos perdoados. A pessoa regenerada crê que, por causa da obra e da morte de Cristo consumada na cruz, é considerada

justa aos olhos de Deus e pode aguardar a morte e o juízo sem ficar alarmada. Ela pode ter suas dúvidas e temores. Às vezes, ela nos revelará seus sentimentos como alguém que não possui a verdadeira fé. Mas, perguntemo-lhe se suas esperanças de vida eterna estão fundamentadas em sua própria bondade, suas realizações, suas orações, seu ministério, sua igreja, observemos o que ela responderá. Pergunte-lhe se ela abandonará a Cristo e colocará sua confiança em qualquer outro caminho. Esse indivíduo responderá que, embora esteja realmente sentindo-se fraco e mau, ele não desistirá de Cristo, em troca de todo este mundo. Dirá que em Cristo encontra preciosidade e doçura para sua alma, uma preciosidade e doçura que não pode ser encontrada em nenhuma outra pessoa, e que, portanto, ele *tem de* se apegar a Cristo.

Apresentei-lhe esta característica da pessoa nascida de novo. O que o apóstolo João falou aplica-se à sua vida? Você já nasceu de novo?

**Em terceiro**, João afirma:

“*Todo aquele que pratica a justiça é nascido dele*” (1 Jo 2.29).

A pessoa nascida de novo, ou seja, regenerada, vive em santidade. Esforça-se para viver de acordo com a vontade de Deus, praticar aquilo que O agrada e evitar aquilo que Ele odeia. O objetivo e desejo da pessoa regenerada é amar a Deus, com todo o seu coração, alma, entendimento e força, e amar o seu próximo como a si mesmo. O regenerado deseja estar continuamente olhando para Jesus como seu exemplo, bem como seu Salvador, e demonstrar que é

amigo dEle por praticar aquilo que Ele ordena. Sem dúvida, o indivíduo regenerado não é perfeito. Ele mesmo dirá isso, mais rápido do que qualquer outra pessoa. Ele geme sob o fardo da corrupção íntima que o aflige. A pessoa nascida de novo encontra em seu íntimo um princípio mau que constantemente luta contra a graça, procurando afastá-la de Deus. Mas o regenerado não concorda com este princípio, embora não possa evitar sua presença. Apesar de todas as suas falhas, a santidade

é a inclinação e a propensão normal de seu ser — suas realizações, seus interesses e seus hábitos são santos. Apesar de todos os seus balanços e viradas, assim como um navio lutando contra um vento contrário, o curso geral de sua vida tem apenas uma direção — por Deus e para Deus. E, embora ele às vezes sinta-se tão abatido, a ponto de questionar se é realmente um cristão, ele sempre será capaz de afirmar, assim como John Newton: “Não sou o que deveria ser; não sou o que espero ser no mundo por vir, mas, apesar disso, não sou mais o que costumava ser e, pela graça de Deus, sou o que sou”.

Apresentei-lhe esta característica da pessoa nascida de novo. O que o apóstolo João falou aplica-se à sua vida? Você já nasceu de novo?

**Em quarto**, João afirma:

*“Sabemos que já passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos”* (1 Jo 3.14).

Uma pessoa nascida de novo, ou seja, regenerada, tem um amor espe-

cial por todos os discípulos de Cristo. Assim como seu Pai, que está no céu, o indivíduo regenerado ama todos os homens com um grande amor geral, mas possui um amor especial por aqueles que têm o mesmo entendimento dele.

Assim como seu

Senhor e Salvador, o regenerado ama os piores pecadores e pode até chorar por eles; mas ele tem um amor especial por aqueles que são crentes. A pessoa nascida de novo nunca se sente tão feliz quanto ao estar entre os santos e os excelentes da terra. Outros talvez valorizem a cultura, a esperteza, a riqueza ou a posição na sociedade em que vivem. O homem regenerado valoriza a graça de Deus. Aqueles que mais desfrutam da graça divina e mais se assemelham a Cristo, são estes os que o regenerado ama com mais intensidade. Ele percebe que tais pessoas, assim como ele, são membros da mesma família; sente que são soldados do mesmo exército, companheiros de jornada, viajando pelo mesmo caminho. O indivíduo regenerado entende tais pessoas, e elas

— ■ —

*A pessoa regenerada crê que, por causa da obra e da morte de Cristo consumada na cruz, é considerada justa aos olhos de Deus e pode aguardar a morte e o juízo sem ficar alarmada.*

— ■ —

o compreendem. O regenerado e tais pessoas talvez sejam diferentes em vários aspectos — nacionalidade, posição social e bens. O que importa? Eles constituem o povo do Senhor Jesus Cristo. São filhos e filhas de Deus. Portanto, o regenerado não pode deixar de amá-los.

Apresentei-lhe esta característica da pessoa nascida de novo. O que o apóstolo João falou aplica-se à sua vida? Você já nasceu de novo?

**Em quinto**, João afirma:

*“Todo o que é nascido de Deus vence o mundo”* (1 Jo 5.4).

Uma pessoa nascida de novo, ou seja, regenerada, não torna a opinião do mundo seu padrão do que é certo ou errado. Ele não se preocupa em andar na direção contrária aos caminhos, opiniões e costumes do mundo. “O que os outros dirão?” não será uma questão importante para ele. O regenerado vence o amor ao mundo. Ele não encontra prazer nas coisas que muitos ao seu redor chamam de felicidade. A pessoa regenerada não pode alegrar-se nas alegrias das pessoas mundanas; tais alegrias a fatigam, ela as considera coisas vãs, inúteis e indignas de um ser mortal. O regenerado vence o temor do mundo. Ele se contenta em fazer muitas coisas desnecessárias no conceito de muitos que vivem ao seu redor. Estes zombam do regenerado, mas ele não se abala. As pessoas do mundo o ridicularizam, porém ele não desanima. A pessoa nascida de novo deseja muito receber louvor da parte de Deus e não dos homens. O regenerado receia ofender a Deus, mais do que ofender os homens. Ele já calculou o

preço; a ofensa da parte dos homens é algo insignificante para o regenerado, não importando se ele será elogiado ou acusado. Ele não é mais um escravo da moda e dos costumes do mundo. Agradar o mundo é uma consideração secundária para o nascido de novo. Seu primeiro objetivo é agradar a Deus.

Apresentei-lhe esta característica da pessoa nascida de novo. O que o apóstolo falou aplica-se à sua vida? Você já nasceu de novo?

**Em sexto**, João afirma:

*“O que de Deus é gerado conserva-se a si mesmo”* (1 Jo 5.18 - ARC).

Uma pessoa nascida de novo, ou seja, regenerada, é muito cuidadosa a respeito de sua própria alma. Ela se esforça não somente para manter-se limpa do pecado, mas também de tudo que possa induzi-la a praticá-lo. É cuidadosa a respeito de suas companhias. Sente que más conversações corrompem o coração e que é mais fácil apegarmo-nos ao mal do que ao bem. O nascido de novo é cuidadoso no que se refere ao uso de seu tempo; seu maior desejo é utilizá-lo com proveito. Também é cuidadoso a respeito das amizades que estabelece; para ele, não basta que as pessoas sejam bondosas, amáveis e moderadas. Tudo isto é muito bom, mas tais pessoas abençoarão a sua alma? O regenerado é cuidadoso a respeito de seu comportamento e hábitos cotidianos. Procura lembrar-se de que seu coração é enganoso, que o mundo está repleto de impiedade e que o diabo se esforça para prejudicá-lo. Portanto, a pessoa nascida de novo estará

sempre em vigilância. Deseja viver como um soldado no campo do inimigo, estar continuamente vestido com sua armadura e preparada para as tentações. Descobre, por experiência própria, que sua alma está constantemente entre inimigos e estuda meios para ser uma pessoa de oração, vigilante e humilde.

Apresentei-lhe também esta característica da pessoa nascida de novo. O que o apóstolo falou aplica-se à sua vida? Você já nasceu de novo?

Estas são as seis grandes características de ser nascido de novo. Todos aqueles que leram até aqui devem considerá-las novamente com atenção e guardá-las em seu coração.

Sei que em muitas pessoas existe ampla diferença na profundidade e distinção dessas características. Em alguns essas características não podem ser facilmente distinguidas, visto que se manifestam com bastante fraqueza, imperfeição e obscuridade. Em outros, elas se evidenciam com tanto ímpeto, vivacidade, clareza e nitidez, que podem ser reconhecidas prontamente. Algumas dessas características são visíveis em certas pessoas; e outras características, mais

visíveis em outras pessoas. Raramente acontece que todas essas características se manifestam na mesma proporção em uma única alma. É claro que concordamos com todos esses fatos.

No entanto, apesar de concordarmos com isso, aqui delineamos seis características de ser nascido de Deus. Um apóstolo inspirado escreveu uma carta geral à Igreja de Cristo, mostrando como é uma pessoa nascida de Deus: não vive na prática do pecado, crê que Jesus é o Cristo, pratica a justiça, ama seus irmãos, vence o mundo e conserva-se puro. Leitor, observe tudo isso.

Agora, o que diremos diante dessas coisas? O que elas dizem àqueles que advogam a doutrina de que regeneração consiste apenas na admissão aos privilégios exteriores da igreja? Posso chegar apenas a uma conclusão: somente são nascidas de novo as pessoas que manifestam essas seis marcas. Todos os homens e mulheres que não as possuem ainda não nasceram de novo. Declaro com ousadia que esta é a conclusão à qual o apóstolo desejava que chegássemos.

Leitor, você tem essas seis características? Você já nasceu de novo?

\* \* \* \* \*

*Se você fosse preso por ser cristão, haveria  
provas suficientes para condená-lo?*

*David Otis Fuller*

# ORGULHO ESPIRITUAL

*Jonathan Edwards*

*“Nenhuma outra coisa deixa a pessoa fora do alcance do diabo como a humildade.”*

A primeira e a pior causa do erro que prevalece em nossos dias é o orgulho espiritual. Ele é a porta principal através da qual o diabo influi no coração daqueles que são zelosos pelo avanço do reino de Cristo. O orgulho espiritual é a maior porta de acesso da fumaça que sobe do abismo para obscurecer a mente e perverter a capacidade de julgar, bem como é o principal instrumento com o qual Satanás assalta os crentes, a fim de obstruir a obra de Deus. Até que essa enfermidade seja curada, os remédios para curar todas as outras enfermidades são aplicados em vão.

O orgulho é muito mais difícil de ser discernido do que qualquer outra corrupção, porque, por natureza, o orgulho equivale a uma pessoa alimentar pensamentos elevados a respeito de si mesma. Existe alguma surpresa no fato de que uma pessoa que possui pensamentos muito elevados a respeito de si mesma seja inconsciente do orgulho? Ela acha que sua opinião a respeito de si mesma tem fundamentos corretos e, por conseguinte, supõe que essa opinião não é muito elevada. Como resultado, não existe outro assunto em que o coração humano se mostra mais enganoso e impenetrável. A própria natureza do orgulho consiste em desenvolver autoconfiança e rejeitar qualquer suspeita de que, em si mesmo, o coração é mau.

O orgulho assume muitas formas e moldes, envolvendo todo o coração, como as cascas da cebola — quando você remove uma casca da cebola, existe outra por baixo. Portanto, precisamos ter a mais intensa vigilância possível sobre nosso coração, no que se refere a este assunto, e, com profundo ardor, clamar por ajuda ao grande Perscrutador dos corações. Aquele que confia em seu próprio coração é um tolo.

Visto que o orgulho espiritual, por sua própria natureza, é secreto, ele não pode ser bem discernido pela intuição imediata. O orgulho espiritual é melhor identificado por seus frutos e efeitos, alguns dos quais mencionarei em paralelo aos frutos contrários da humildade cristã.

A pessoa espiritualmente orgulhosa se considera cheia de entendimento e sente que não precisa de qualquer instrução; por isso, ela se mostra pronta a rejeitar o ensino que outros lhe oferecem. Por outro lado, o crente humilde é semelhante a uma criança que facilmente recebe instrução; é cauteloso em sua avaliação de si mesmo e sensível a respeito de como está sujeito a tropeçar. Se lhe for sugerido que ele realmente está sujeito a tropeçar, com muita prontidão o crente humilde estará disposto a inquirir sobre o assunto.

Pessoas orgulhosas tendem a falar sobre os pecados dos outros, ou seja, sobre a miserável ilusão dos hipócritas, sobre a indiferença de alguns crentes que sentem amargura ou sobre a oposição que muitos crentes demonstram

para com a santidade. A verdadeira humildade cristã fica em silêncio no que se refere aos pecados dos outros ou fala sobre eles com tristeza e piedade.

A pessoa espiritualmente orgulhosa encontra nos outros crentes o erro de falta de progresso na vida cristã, enquanto o crente humilde vê muitos erros em seu próprio coração e se preocupa, a fim de que ele mesmo não se veja inclinado a ocupar-se demais com o coração dos outros. Ele lamenta muito por si mesmo e por sua frieza espiritual, esperando prontamente que muitas outras pessoas tenham mais amor e gratidão a Deus, mais do que ele mesmo.

A pessoa espiritualmente orgulhosa fala sobre quase tudo que percebe nos outros, fazendo-o com grosseria e com uma linguagem bastante severa. Em geral, a crítica de tais pessoas se dirige não apenas contra a impiedade dos incrédulos, mas também contra os verdadeiros filhos de Deus e contra aqueles que são seus superiores. Os crentes humildes, por sua vez, mesmo quando fazem extraordinárias descobertas da glória de Deus, sentem-se esmagados por sua própria vileza e pecaminosidade. As exortações deles para os outros crentes são ministradas de maneira amável e humilde; e tratam os outros com tanta humildade e gentileza quanto o Senhor Jesus, que é infinitamente superior a eles, os trata.

O orgulho espiritual com freqüência dispõe a pessoa a agir de maneira diferente em sua aparência exterior e a assumir uma linguagem, semblante e comportamento diferentes. No entanto, o crente humilde, embora se mostre firme em seus deveres e prossiga sozinho no caminho do céu, mesmo que todo o mundo o abandone, ele não se deleita em ser diferente apenas por amor à diferença. O crente humilde não estabelece como objetivo primordial o ser visto e observado como alguém diferente; pelo contrário, ele está disposto a tornar-se tudo para todos os homens, sujeitar-se aos outros, conformar-se a eles e agradá-los em tudo, exceto no pecado.

As pessoas orgulhosas levam em conta as oposições e injúrias, estando dispostas a falar sobre elas em tom de amargura e murmuração. A humildade cristã, por outro lado, dispõe a pessoa a ser mais semelhante ao seu bendito Senhor, que, ao ser maltratado, não abriu a sua boca, mas entregou-se silenciosamente Àquele que julga retamente. Para o crente humilde, quanto mais clamoroso e irado o mundo se mostra com ele, tanto mais quieto e tranqüilo ele permanecerá.

Outro padrão das pessoas espiritualmente orgulhosas é comportarem-se de maneira que levem os outros a fazerem delas seu alvo. É natural para uma pessoa que está sob a influência do orgulho aceitar toda a reverência que lhe tributam. Se os outros mostram disposição para submeterem-se a ela e sujeitarem-se em deferência a ela, a pessoa espiritualmente orgulhosa está aberta para esta sujeição, aceitando-a espontaneamente. Na verdade, aqueles que são espiritualmente orgulhosos esperam esse tipo de tratamento, formando uma opinião perversa sobre aqueles que não lhe oferecem aquilo que eles sentem que merecem.

(Adaptado de *Alguns Pensamentos Sobre o Atual Avivamento do Cristianismo na Nova Inglaterra*, extraído de *As obras de Jonathan Edwards*, Banner of Truth.)